

**Conceitos fundamentais da Psicanálise**

**Apresentação, leitura e comentários de  
Seminários e Textos de Jacques Lacan**

*Os Nomes-do-Pai*

e

*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*

**Paulo Medeiros**

16 - 14 de setembro de 2004

*Memória e transcrição de gravação*<sup>1</sup>

Leitura na página 38: *Ora, isto não perturba Freud, porque- ...*

Intervenção – [...]

Claro, não é para avaliar, no sentido de estabelecer algum juízo, mas, se entra como signo, está nesse jogo estabelecido pelo valor de traço.

*Juízo/Valor de traço* Intervenção – [...]

Sim, numa situação de análise tudo o que se diz tem valor de traço, indica algo inscrito de algum modo, não devendo receber nenhuma apreciação de juízo de valor.

Intervenção – [...]

*A leitura imaginária  
do analisante*

No jargão lacaniano, nesse caso, estamos diante de uma leitura imaginária, ou seja, devemos deixar o imaginário do analisante trabalhar, e, por essa via, ele fará mil e uma suposições, as quais, certamente, trarão elementos a serem simbolizados na fala pela via das associações entre os elementos surgidos. E o que é traço surgirá, ainda que retraçado pelas reinscrições. As respostas dadas na dimensão das demandas imaginárias impedirão o advir do desejo subjacente à demanda, parando, pelo menos temporariamente, por ali. O imaginário é então essa porta entreaberta do simbólico, ou seja, dessas inscrições primeiras a serem lidas, isto é, faladas. Os dados, no seu sentido factual, não importam, sendo relevante os fatos

---

<sup>1</sup> Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

linguageiros.

*O Real na lógica  
cartesiana*

Só para rememorar um pouco nossas conversas da semana anterior: há a história do Descartes em relação a um Outro não-enganador, um Outro da verdade, e esse Outro em referência estaria fora do sujeito, exatamente para dar ao sujeito certas garantias, sendo, para Descartes, Deus. Tudo isso porque, para a Filosofia, há o engano dos sentidos, ou seja, os sentidos enganam o sujeito; há que haver verdade isenta do engano dos sentidos. Estamos aí diante de mais uma conotação em torno do real, quando indagamos o que há de real diante dos enganos dos sentidos? Então, busca-se um pensar puramente lógico, isento das aparências.

Lacan, no entanto, procura demonstrar que esse Outro, alteridade ao sujeito, mente, colocando em jogo o que seja verdade e o que seja saber para o sujeito.

*A lógica da mentira*

Intervenção – [...]

Sim, lembrando Rosa, *mas mente pouco quem a verdade toda diz.*

Continuação da leitura na página 40: *Mais tarde..*

Zenão? Não estou certo. Reza a tradição que os cretenses eram muito mentirosos, então surgiu no campo da Lógica este paradoxo: *Estou mentindo*, atribuído a um cretense. Freud faz uso desse exemplo em um de seus escritos sobre a *Weltanschauung*. Se o sujeito está mentindo, está falando a verdade; se está falando a verdade, está mentindo. Enfim, a verdade da mentira.

Continuação da leitura na páginas 40-41: *Simplemente Freud..*

Intervenções –

*O grande Outro,  
o lugar da fala*

Equivaleria, nos termos lacanianos, ao Outro, ao lugar da fala. Trata-se primeiramente de uma relação, a relação do sujeito falante com toda a rede de significantes, ou seja, com tudo o que o representa de algum modo. Nesse contexto, o próprio analista faz parte, sem que o sujeito o saiba, dessa rede. A atribuição da transferência ao analista, à pessoa do analista, é puramente imaginária. Quanto ao analista, não lhe cabe o aceitar atribuições como sendo reais.

Intervenções

*Fins implícitos à*

Sim, e ainda ocorre, ou seja, há situações em que a família

*Psicanálise*

conduz o filho ou a filha a um analista, e, no mais das vezes, acompanhados pela demanda de se tornarem *bozinhos*. Desde os começos da Psicanálise, encontramos referências a essas demandas, ora colocando o psicanalista como prolongamento do educador ou do moralista, ora como psicólogo para melhorar o comportamento etc. Enfim, como se o psicanalista fosse mais um na formação adequada do indivíduo para a sociedade.

*Dora –*

*O desejo enquanto  
desejo do outro*

Intervenção [...]

Sim, ajustar... Há, de fato, esse aspecto, mas percebemos em Freud um não se dobrar a tais pedidos, buscando sempre aquilo que hoje podemos designar como real, ou seja: o que há aí, em cada caso, de real a ser constatado? Em relação aos casos de Freud, aprendemos com seus erros e com sua incansável busca, não nos detendo diante das aparências. Nesse caso, o caso Dora, o desejo parece ser muito mais o do pai querendo corrigir a filha ou fazê-la obediente o bastante para aceitar a relação dele com a outra, essa outra que, sendo o objeto do desejo do pai, torna-se, para ela, Dora, objeto de seu desejo também. Ilustração do desejo enquanto desejo do outro, sendo o outro aí, no caso, o pai.

Intervenções [...]

Sim, claro, é preciso haver atenção quanto a isso para que o sujeito não fique sob mais um controle, o do psicanalista, especialmente no seu exemplo, o de haver conluio entre psicanalista e psicopedagogo, psicanalista e psiquiatra etc.

Intervenção [...]

*O sonho - expressão do  
desejo*

Trata-se de uma proposição para lidar com o paradoxo na Lógica, ou sofisma, se preferir. Mas, numa situação de análise, não se atribui intenção de mentir. Também a ética, na Psicanálise, refere-se sempre ao desejo, não à moral.

Intervenção [...]

Ao mesmo tempo há algo que se possa corrigir nessa expressão, quando, por exemplo, dizemos: Eu sonhei. Freud corrige essa expressão na sua Onirologia, *escrevendo um sonho veio a mim*. O sonho independe da ação do sujeito, assim como o desejo, pois, afinal, o sonho é uma expressão do desejo; o sujeito sim, está submetido ao desejo.

*Intencionalidade e  
formações do  
inconsciente*

Intervenção [...]

Também. Tem razão. Ouvimos a expressão de se fazer uma doença, como se houvesse uma intenção do sujeito, ou lhe fosse atribuído esse poder fazer, seja lá o que for. Uma doença, um sonho, ou qual formação inconsciente, como qualquer sintoma, que pode ser um dito qualquer, um enunciado do sujeito, apresentam-se como sintomas e querem, isso sim, dizer alguma coisa. Uma análise deverá permitir que todos esses sintomas falem por meio do sujeito.

Intervenção [...]

Mas não é alguma coisa que o sujeito se põe a desejar. O desejo ocorre à revelia do sujeito.

Intervenções [...]

Mas, por exemplo, diante de nossas discussões sobre a Ciência: no espírito científico o sujeito escolhe o objeto ou é escolhido pelo objeto que o atrai? O que determina o fato de o sujeito dirigir-se a um determinado objeto e não a um outro?

Intervenção [...]

Isso não quer dizer não haver uma margem para o sujeito desejar, e até pensar algumas coisas, formular uma frase qualquer que expresse uma razão, por exemplo. Porém, o que estabelece uma relação com o sujeito, o seduz, o chama, o atrai já está determinado, de algum modo, na própria relação. Aqui, por exemplo, não é de graça que nós estamos aqui a estudar a Psicanálise, algo nos induz a tal. Algo nos captou de algum modo; estamos numa rede e somos fisgados, seja Psicanálise ou qualquer outra coisa; a rede, nós a chamamos rede de significantes.

*Buñuel –  
Esse obscuro objeto do  
desejo*

Intervenções [...]

Sim, de fato, é um filme recomendável: *Esse obscuro objeto do desejo* de Buñuel, e demonstra o de que nos ocupamos de modo estético além de ético.

Intervenção [...]

*A caso ou necessidade*, creio ser o título do livro a que se refere.

Intervenção [...]

De fato, nós estamos discutindo hoje aqui os temas que atraíram os gregos, os temas perenes e universais. Eles nos antecederam em muito. Não os discutimos para elucidá-los, mas para desdobrá-los, fazê-los prosseguir.

Intervenção [...]

É verdade, os homens precisavam sair de casa para discutirem essas coisas. Se ficassem em casa, provavelmente as mulheres dir-lhes-iam: - Não, nada disso, você não vai ficar discutindo Filosofia, pegue uma bilha e vá buscar água. Coisas assim. Nossa situação está, de fato, bem diferente; estamos aqui, meio a meio, sem, no entanto, nenhuma possibilidade de nos formamos inteiros, a discutir as mesmas coisas acrescidas com a contribuição de Freud e de Lacan.

Continuação da leitura na página 41: *A complacência tão manifesta...*

*A circularidade do  
desejo na relação –  
Caso Dora*

Como é que se estabelece o circuito do desejo numa relação, no caso, numa relação a quatro, o casal Sr. E Sra. K., Dora e o pai dela? Por onde fica a circulação desse desejo? Para que possa circular é preciso haver um de fora da relação, Freud. A bofetada de Dora no Sr. K., pivô da trama, isto é, no marido da amante do pai de Dora, foi efeito de Dora não haver suportado a declaração de desinteresse do marido por sua mulher. Ora, era justamente o desejo a orbitar essa mulher, a Sra. K, que mantinha a relação imaginária de toda a trama. Dora está aí, no caso, de forma complexa, sendo a sustentadora de um desejo do outro, o Outro do pai, implicando o Outro sexo, ou sexo Outro. Indaguemo-la, tentando conjecturar o que poderia ser sua própria indagação: *O que é que a Sra. K (suposto ser do mesmo sexo que eu) tem que eu não tenho para que meu pai (supondo ser de outro sexo que não o meu nem o dela) a deseje e não a mim (estando eu nesse lugar de seu desejo)?* A alienação do desejo, implicado na separação da cisão sexual, operando na linguagem uma não-relação sexual, salvo, imaginariamente, em outra posição, a do semelhante. Então, esse caso apresentado por Freud nos indica o circuito do desejo. Não é um caso clínico, mas é um caso literário, que, agora, recomendo com ênfase. Trata-se de um livro de Goethe chamado *A finidades detivas*, no qual encontramos os traços dessa trama do circuito do desejo, como se elegem essas

*Goethe –  
A finidades detivas*

relações chamadas amorosas, entrecruzadas na formação de pares e ímpares.

*Objeto do desejo/  
Sujeito*

Intervenção [...]

Pois é, a gente acaba se perguntando, afinal de contas, sobre o que se deseja quando se deseja alguém. Quem deseja o quê? No confronto com o assim chamado objeto do desejo, estamos, nesse campo, no campo da Psicanálise, diante da complexidade da articulação de uma trama a envolver o sujeito em todas as dimensões das expressões possíveis em sua existência, menos a da vontade. O desejo não sendo um ato volitivo.

Intervenções [...]

*A livre expressão no  
contexto da psicanálise*

Mas é danado esse negócio. Eu não sei exatamente. Aliás, eu tenho caído na esparrela de responder a algumas questões que vocês formulam, mas isso são arapucas. Eu também tenho um monte de perguntas para vocês me responderem. Mas, enquanto ouvia essas preocupações que vocês expunham, por associação de idéias, ocorreu-me dizer que muito antes da Psicanálise essas questões foram tratadas e receberam várias abordagens, como, por exemplo, em Hegel, em sua dialética do *Senhor e do Escravo*, na sua *Fenomenologia do Espírito*, a gente já encontra o que Marx irá formular. Marx foi um hegeliano. Um hegeliano com fortes laivos religiosos herdados das concepções judaicas de um reino divino na terra. Mas, politicamente falando, o que podemos constatar é a impossibilidade da prática psicanalítica sob regimes totalitários. Sob tais regimes a Psicanálise se oculta, esconde-se e aguarda, pois, do mesmo modo como, socialmente, quando não há a assim chamada liberdade de expressão atinge em cheio, claro, aquilo que é essencial à Psicanálise, a falação. Ação para a Psicanálise é a ação da fala, a falação. A Psicanálise só se torna praticável num regime de livre expressão, nisso que se chama democracia, com todos os seus defeitos. Democracia pode não ser o melhor regime político, pois, afinal, foi pelo voto que Sócrates foi morto, mas, apesar disso, ele conseguiu passar sua vida maieuticamente.

Intervenções [...]

O desejo é indomável; há algo no desejo que nenhum regime ditatorial, nenhuma educação formal, nenhuma religião,

*A sujeição linguagira*

nenhuma ideologia poderá alcançar: a supressão do desejo. O desejo, sob tais circunstâncias, mantém-se latente e buliçoso, pronto para articular sintomas e sonhos.

Intervenções.

Sim, creio podermos concordar nisso, pois é praticamente impossível alguém poder afincar: este é o meu desejo. Ao analisarmos aquilo que se nos afigura como sendo um desejo próprio, chegaremos a uma fonte alheia.

Intervenção.

*A herança do desejo materno*

Ah, sim, esse algum lugar é bastante preciso enquanto lugar da transmissão desse desejo, nessa constelação inescapável que até, por vezes, se confunde com a dimensão biológica do humano, que é a origem no desejo materno. O desejo materno, por sua vez, é transmitido sem que a própria mãe o conheça; só a dimensão imaginária, pela via do assim chamado narcisismo, é comunicável. Ser criança é ser herdeira de desejos, por vezes com desejos que mantêm uma certa coerência lógica, por vezes são desejos extremamente caóticos e/ou conflitantes, caóticos a ponto de gerarem – para usarmos termos da nosografia médica - um quadro psicótico, ou organizado de forma a comporem um quadro obsessivo etc. Então, de algum modo, aquilo que chamamos desejo materno, mantém a singularidade de uma transmissão só apreensível, posteriormente, pela via da fala numa situação de análise. De qualquer forma, simbolicamente, somos humanos pela via dessa transmissão, dessa herança. O humano é efeito de uma cadeia, de um elo desejante, daquilo que faz história.

Intervenções [...]

Sim, exato, ao mesmo tempo é uma ética libertadora, a de não se ser responsável pelo desejo. Há essa dimensão de irresponsabilidade.

Intervenção.

*O paradoxo na ética do desejo*

Não... não sei se devemos empregar o termo culpado, é um termo por demais religioso; responsável também restringe ao moral. Paradoxalmente, há essa irresponsabilidade diante dessa herança desejante e o efeito disso como enorme responsabilidade diante do desejo do Outro e com conseqüências nos laços sociais.

Intervenção [...]

*O Outro do Outro*

É como se nos perguntássemos sobre o desejo do desejo, ou seja, algo assim: O que quer esse desejo que habita em mim?

Intervenção.

*Inconsciente -  
nomenclatura imprecisa*

Consciência é um termo incompatível com o discurso psicanalítico. O que chamamos inconsciente mantém-se nesse estado, a despeito de uma análise. Inconsciente, já frisamos, não é o termo mais adequado ao que se refere em Psicanálise, mas é o termo assim consagrado, pelo menos até que consigamos referirmo-nos ao que designa de outra forma.

Intervenção [...]

Trata-se mais de um conflito, conflito lógico, entre desejos do que culpa, propriamente falando. O sujeito está aí no meio de desejos que, conflitantes, excludentes, o neurotizam. Como lidar com isso?

Intervenção.

*A sublimação*

Há um termo bastante freudiano para isso: sublimação. Faz-se análise a partir de algum profundo mal-estar a causar sofrimento, às vezes podendo até deixar alguém incapacitado para o cotidiano devido a alguma inibição. Uma análise pode permitir ao sujeito abordar esse imaginário através dos seus próprios fantasmas, ou fantasias, se preferirem. Essas construções são tão singulares, próprias a cada sujeito, e tão complexas que, certamente, conduzirão o sujeito a falar muitos anos sobre isso, fazendo todas as correlações possíveis, seguindo o máximo do percurso da trama construída em torno desses fantasmas. Após um longo percurso em análise – digo longo por não acreditar absolutamente nessas chamadas terapias breves -, aquilo que pode acontecer como sublimação consiste na seguinte dialética, nesta transformação identitária: algum desses fantasmas tão singular encontra algum modo de se universalizar - ou seja, essa é uma via por onde o sujeito poderá sair de algum tipo de sofrimento tão pessoal para a experiência humana comum.

Intervenção [...]

Lacan vai, mais tarde, chamar a essa experiência *sinthoma*,

*O sintoma*

escrito com *th*, ou seja, a contraposição ao sintoma, à inibição e à angústia, permitindo ao sujeito recriar sua experiência de vida, reinserida em laços sociais. Há, afinal, um profundo narcisismo imposto pelo sofrimento. Não se consegue pensar em mais nada na vida diante de uma simples, porém profunda dor de dente. Todo o investimento possível ao sujeito estará voltado para aquela dor de dente, isolando-o de tudo e de todos. O sofrimento, no entanto, não ocorre por um ato volitivo, não é por querer que essas coisas aconteçam, mas pelo desejo que lhe é alheio. Essa experiência pode ser revista pelo sujeito em análise, recriando sua maneira de ser e de agir, dando-lhe uma alegria de viver, que se encontrava perdida em um sintoma qualquer. Enfim, fazer do mal-estar um bem-estar. Então, transformar esse fantasma sofredor, pessoal e singular em algo compartilhável num modo de criação: sublimação, *sinthome*, análise...

Intervenção [...]

Quanto tempo leva alguém para se tornar exímio pianista? Quanto tempo leva para se escrever um bom texto, um bom livro?

Intervenção [...]

Pois então. Quanto tempo leva alguém para fazer de seu mal-estar um bem-estar, sem deixar de levar em consideração as adversidades do próprio viver e do morrer, aquilo que Freud chamou miséria humana comum?

Intervenções [...]

Sim, volta, há sempre a possibilidade de retorno desses fantasmas. E, quanto aos analistas, Freud propôs que devessem retomar suas análises, sugerindo até mesmo intervalos máximos de alguns poucos anos entre uma e outra. As adversidades da vida, relacionadas aos fantasmas de cada um, fazem-nos retornarem com intensidade.

Intervenção [...]

*Análise/Sugestão*

Resta distinguir *análise* de *sugestão*. Há inúmeras propostas de sugestão, chegando a haver disciplinas criadas para orientar sugestionadores de todos os tipos.

Intervenções [...]

*A função da  
Psicanálise*

Bem, a função da Psicanálise não é resolver os problemas da vida, nem dar sentido à vida ou à História, mas sim lidar com aquilo que Freud chamou de Édipo. O trabalho de uma análise é lidar com aquilo que Freud chamou *castração*, a angústia da castração. A angústia da existência, a angústia existencial, a angústia de viver, sabendo-se morrente, é de outra dimensão.

Intervenção [...]

*A morte no Édipo*

Mas, no Édipo, a morte refere-se à morte do pai, ao desejo de morte ao pai. Édipo lida com a morte em sua dimensão de desejo de morte ao pai.